

4468									
------	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Refém dos caiabis conta o drama

Keka Werneck
Da Redação

Nove reféns seqüestrados pelos índios caiabis foram libertados anteontem, por volta das 13h30. Ficaram nove dias presos na selva, porque invadiram o Parque Nacional do Xingu, maior reserva indígena do país. Afirmam que foram torturados física e psicologicamente. E que não sabiam que ultrapassaram a fronteira da reserva. Dizem que vão processar a Fundação Nacional do Índios (Funai), por perdas e danos, através de ação coletiva.

"Fomos rendidos por sete ou oito índios, armados com escopeta (potente e moderna arma de fogo)", conta o médico Adão Dalmoro (49 anos), que trabalha no município de Cláudia (a 412 quilômetros de Cuiabá): "Levamos pauladas, pontadas, tapas na cara. Fomos xingados no idioma deles. Se fecho os olhos, ainda me lembro daqueles cantos e barulhos da noite. Pensei que fosse morrer". "Cada um se defende como pode", resume e justifica o administrador substituto da Funai, em Colíder, Luiz Carlos Sampaio.

Sábado, dia 31, depois de serem rendidos, oito reféns, sendo dois menores, foram levados para a primeira aldeia, onde vivem os caiabis, dentro de um barco. Desceram, durante 5 horas, o rio Arraia. "Quando chegamos, deram paulada na gente. Fomos torturados mentalmente. Mandaram a gente tirar a camisa e sentar dentro de um tronco. Ficamos cercados. Eles começaram a nos ofender", conta.

Domingo, dia 01, chegaram à segunda aldeia. Lá, os índios aguardavam os seqüestrados pintados para um ritual. Pintaram também os reféns, segundo contam, fazendo chacota. "Havia um branco entre eles. Tentei me comunicar, pedir ajuda, mas ele nem deu bola para a gente", reclama o médico.

No mesmo dia, "apavorados, seguimos para a terceira aldeia", conta Adão Dalmoro. "Separaram eu, o menor (14 anos) e o Alemão (outro refém) em outra canoa. Deixaram a gente para trás. Chegamos 10 minutos depois. Durante este tempo, os outros apanharam. Sofreram pontapés, mais tapas na cara, pauladas, que deixaram escoriações múltiplas. Parece que eles juntaram toda a ira que estavam dos que invadem sempre a reserva deles e descarregaram na gente", interpreta Dalmoro.

FORMIGA - Segunda-feira, dia 02, depois de passar nas aldeias, índios e reféns seguiram até o posto da Funai, onde ficaram alojados, até anteontem, final do seqüestro. Neste período de cativeiro, os índios fizeram mais três reféns: dois representantes da Funai e um sertanista. Mas libertaram os dois menores.

Os reféns contam que se alimentaram do mesmo que os índios comiam: formiga, farofa de milho e peixe semi-cru sem sal. Dormiram em redes. E não apanharam mais, embora continuassem temendo a morte. "Da próxima vez que quiser comer peixe, vou ao supermercado", diz o médico.

FUNAI - O administrador interi-

no da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Colíder, Luiz Carlos Sampaio, duvida que os índios estivessem portando escopeta. "São todos armados. Mas as únicas armas de fogo que eles possuem, usam para caçar", explica.

Os reféns reclamam que não encontraram qualquer placa de sinalização que os avisasse do limite entre terra de branco e terra de índio. Segundo Sampaio, todos os infratores apreendidos dentro de reservas "dão a mesma desculpa". "Não acredito que estas pessoas estivessem tão desinformadas assim, já que existe uma divisa natural entre as terras, que é o rio Arraia", pondera. Contudo, Sampaio admite que há falhas na sinalização, que podem estar ocorrendo por parte dos índios que não vão ao município buscar as placas, por dificuldade de transporte. E também da Funai, que não tem como bancar este transporte.

PESCARIA - A história que os reféns contam é diferente da que vinha sendo publicada nos jornais. Eles confirmam que são pescadores amadores, mas negam ter atirado contra a aldeia e estarem caçando jacarés. "Só estávamos nos divertindo", jura o médico Adão Dalmoro, que classifica a atividade deles como "pescaria de lazer".

"A gente sabe que há mesmo um monte de gente que invade a terra dos índios para caçar jacaré e anta, mas não era o caso", garante: "Estávamos desarmados e nem chegamos a jogar o anzol na água. Eles nos prenderam antes", lembra.